



A Interseccionalidade como prática: processos de construção e atuação do coletivo de negras e negros Macanudos

Tainá Valente Amaro¹
Ricardo Gonçalves Severo²
Cassiane de Freitas Paixão³

RESUMO:

O artigo analisa a formação e criação do coletivo Macanudos e sua atuação a partir da intersecção dos elementos de raça, classe e gênero, tendo como objetivo principal estudar o papel do grupo na construção das identidades coletivas. As técnicas utilizadas foram a pesquisa participante e o de Grupo de discussão. A análise permitiu observar as formas de ingresso e atuação na organização. Percebeu-se também a constituição ativista fortalecida pelos laços de solidariedade no grupo, rede social militante, e em históricos pessoais. A interseccionalidade apresenta-se como teoria e prática para esse coletivo composto majoritariamente por mulheres negras.

PALAVRAS-CHAVE:

Movimento negro;
Luta antirracista;
Interseccionalidades.

Os autores:

¹ Mestranda em Psicologia Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Bacharel em Psicologia, pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. *E-mail:* tainaamaro88@gmail.com. *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-4765-1818>

² Professor da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *E-mail:* rg.severo@hotmail.com. *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0001-8413-7159>

³ Professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em Educação pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). *E-mail:* cassianepaixao@outlook.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-8085-1862>

1. INTRODUÇÃO

Na última década, observamos um acirramento das disputas políticas no país, percebemos também, de maneira crescente e organizada práticas visando à consolidação de discursos contrários às pautas de gênero, sexualidade e raça. No ambiente universitário verificamos a consolidação de movimentos sociais que representam grupos que antes contavam com pouca ou nenhuma representação política e colocam-se neste espaço, em disputa pelo público e pela conquista de suas propostas. Trataremos do coletivo Macanudos como expressão fenomênica dessa conjuntura.

O objetivo principal deste estudo é problematizar questões relacionadas a criação de um coletivo negro, compreendendo quais elementos permitiram que surgisse e se desenvolvesse, quais são as principais pautas do Macanudos durante sua existência e quais mudanças ocorreram no grupo neste período, compreendendo tanto os elementos práticos e discursivos quanto a composição do grupo, assim como sua atuação a partir da intersecção dos elementos de raça, classe e gênero. Partimos da hipótese que a construção das identidades coletivas é um elemento central para a afirmação do grupo enquanto entidade que se apresenta à sociedade com pautas, no caso específico, antirracistas. Tal processo ocorre processualmente através das relações de sociabilidade entre seus integrantes. Neste sentido, buscamos identificar quais variáveis são mais significativas para determinar a participação no coletivo por parte das entrevistadas e entrevistado.

O nome Macanudos provém do reconhecimento de um quilombo na Vila da Quinta, zona rural na cidade de Rio Grande/RS, do qual algumas integrantes do projeto de extensão denominado Comunidades FURG (COMUF) participaram, pois auxiliavam em pesquisa histórica no processo de reconhecimento desse quilombo junto à Fundação Palmares. O termo “Macanudos”, segundo os/as integrantes do coletivo, significa negros e negras trabalhadores/as ou pessoas que labutam. E também foi pensando a partir desse contexto vivenciado pelo grupo inicialmente formado, tendo um significado muito específico para o reconhecimento de um quilombo.

A formação do coletivo Macanudos auxilia na compreensão do processo histórico do ingresso de negras e negros na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) nos anos de 2012, pois é possível identificar a percepção do coletivo, que se formava a partir de uma visão sobre a universidade naquele momento, e quais modificações ocorreram, considerando o ambiente e características do grupo.

2. COLETIVOS NEGROS NAS UNIVERSIDADES

De acordo com Nilma Lino Gomes (2017), o Movimento Negro Brasileiro pode ser entendido enquanto um “novo sujeito coletivo e político”. Ao surgir como forma orgânica nos anos de 1970, pode ser pensando como uma coletividade onde as identidades são elaboradas e organizadas a partir de interesses e vontades marcados por interações e reconhecimentos.

E sendo a partir dessa expressão de constituição de identidades que entendemos a criação dos coletivos de estudantes negros no Ensino Superior Brasileiro advém de um rompimento com o movimento estudantil. Ou seja, estes coletivos surgem como uma alternativa aos estudantes negros que adentram a universidade e que não se sentem contemplados com as pautas do movimento estudantil (Oliveira 2018).

Entendemos assim, que os coletivos estudantis caracterizam-se como parte do movimento negro brasileiro e sua relação com a educação no país. Com isso corrobora-mos com a discussão de movimento de Nilma Lino Gomes:

Partimos do pressuposto de que o Movimento Negro, enquanto forma de organização política e de pressão social- não sem conflitos e contradições- tem se constituído como um dos principais medidores entre comunidade negra, o Estado, a sociedade, a escola básica e a universidade. Ele organiza e sistematiza saberes específicos construídos pela população negra ao longo da sua experiência social, cultural, histórica, política e coletiva. Os projetos, os currículos e as políticas educacionais têm dificuldade de reconhecer esses e outros saberes produzidos pelos movimentos sociais, pelos setores populares e pelos grupos sociais não hegemônicos. No contexto atual da educação regulada pelo mercado e pela racionalidade científico-instrumental, esses saberes foram transformados em não existência; ou seja, em ausências. (GOMES, 2017, p. 42-43).

Conceituamos movimentos sociais (MS) como “interações informais entre uma pluralidade de indivíduos, grupos ou associações engajadas em um conflito político ou cultural, com base em uma identidade coletiva compartilhada” (DIANI; BISON, 2010, p. 220). Assim, partimos do pressuposto que um dos elementos fundamentais para compreender o desenvolvimento destes grupos é a consolidação de uma identidade coletiva, não como finalidade, mas resultado do acirramento de disputas sobre bens materiais ou simbólicos em determinados contextos e que produzem sentimento de semelhança com outros indivíduos. Consideramos, portanto, fundamental a compreensão que o:

[...] movimento social, se constitui em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia, num contínuo processo em construção e resulta das interações das

múltiplas articulações acima mencionadas, significando um conceito de referência que busca apreender o porvir ou o rumo das ações de movimento, transcendendo as experiências empíricas, concretas, datadas, localizadas dos sujeitos/atores coletivos. (SILVA; CARVALHO ET AL.: 2006, p. 113).

Percebe-se a centralidade da constituição de laços de solidariedade com base nesta identidade coletiva, resultado de experiências sociais comuns. Supõe-se que a maioria das pessoas participe da ação coletiva que está baseada nas comunidades das quais derivam os significados e identidades importantes para sua vida e bem-estar. Ao oferecer esta proposição não supomos nenhum cálculo consciente da parte do indivíduo. Mesmo sem avaliar conscientemente custos e benefícios, as pessoas agem para confirmar ou salvaguardar as fontes centrais de significado e identidade em suas vidas, especialmente quando há modelos disponíveis na forma de repertórios e reivindicações inseridas na história do grupo (MCADAM; TARROW; TILLY, 2009, p. 31).

Desta forma, foi a atuação e acompanhamento de atividades do movimento negro por meio do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas – FURG (NEABI-FURG), através de um dos autores deste artigo, que possibilitou, em primeiro lugar, acompanhar as diversas atividades realizadas, assim como entrar em contato com os grupos de referência que formam a rede de ativismo e identificar os sujeitos centrais para oferecer dados pertinentes à pesquisa. Ainda, consideramos a atuação nas mídias sociais, em especial no facebook, por ser um espaço cada vez mais significativo para atuação militante e também como arena discursiva em que ocorrem embates entre os grupos e propagação de suas ideias. A seguir, apresentamos quais foram os procedimentos metodológicos empregados para realização da análise.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Diani e Bison (2010):

A identidade coletiva é um processo fortemente associado com reconhecimento e com a criação de conectividade [...]. Ele traz consigo um sentimento de propósito comum e de um comprometimento compartilhado com uma causa, o que possibilita que ativistas individuais e organizações enxerguem a si mesmos como inextricavelmente ligados a outros atores, não necessariamente idênticos, mas certamente compatíveis, em uma mobilização coletiva mais ampla. (DAINI; BISON, 2010, p. 222).

A partir da consolidação desta identidade coletiva, surgem organizações ativistas ou militantes, os quais caracterizamos tal qual Flacks (2004) como “...pessoas que

têm suas identidades e vidas diárias fortemente estruturadas pelo seu comprometimento (pos. 2872[ebook]).” Para a presente pesquisa, tais pessoas são aquelas que declaram ter envolvimento intensivo ou frequente com a organização ou pauta. Não por acaso, são estes sujeitos que dão centralidade em suas biografias para o ativismo e, assim, tornam-se representantes ativos e propagadores de identidades coletivas.

Tais fontes de identidades coletivas, as quais representam pautas que ressonam nos indivíduos em razão de suas biografias, é transmitida via redes sociais, estruturas nas quais participam, as quais são “...não um processo intencional de auto-realização, mas uma dada margem de escolhas sucessivamente limitadas. Estas continuam sendo escolhas, por mais estreitas que se tornem suas limitações (MANNHEIM, 2013, pg. 51).”

Florence Passy (2000) compreende que as redes sociais têm um papel múltiplo no processo que leva à participação política, considerando em especial o papel de recrutamento, que ocorre em razão de ter amigos ou conhecidos nestas redes de militantes, o que facilita o processo de engajamento, e o de socialização, que se dá por meio de um processo de identificação, considerando que as pessoas compartilham alguns valores que são defendidos pelos movimentos, o que as levam a se engajar. Assim a participação na rede leva a reproduzir a identidade coletiva nestas interações, compartilhando e construindo percepções e preferências pelo grupo de referência (PASSY, 2003).

A ação coletiva, ou o desejo de se integrar, ocorre se houver oportunidade estrutural e assim realizando as predisposições individuais. Isto é mediado pela existência de laços sociais que facilitem a relação do indivíduo com o movimento em questão. Tais laços são amigos ou conhecidos. No mesmo sentido orientam-se McAdam, Tarrow e Tilly (2009):

Se aprendemos alguma coisa nos últimos 25 anos de pesquisa sobre movimentos sociais é que eles não dependem apenas do interesse ou da oportunidade, mas se formam através de redes sociais nativas nas sociedades domésticas [...] as pessoas aderem à ação coletiva muito mais devido às redes de pessoas ligadas umas às outras por um laço interpessoal específico do que à organização formal ou incentivos individuais (pg. 42).

Para Florence Passy (2000) estes quatro elementos importam para a adesão, mas não dão a devida relevância à agência e os sentidos construídos pelos agentes de suas múltiplas interações sociais. É preciso agregar neste esquema que os indivíduos incorporam no seu eu as interações passadas e presentes e o contexto no qual os sujeitos estão imersos e que suas escolhas são produzidas nos processos de interação. Ainda, compreender os indivíduos biograficamente, ou seja, que levam em

consideração as experiências pretéritas, interações presentes e projetos futuros. Neste sentido parte a nossa proposta, com referência a Flacks:

In my view, understanding of activists as a social type remains a critical issue for understanding how social movements work. To the extent that organizers, leaders, and movement entrepreneurs make a difference, understanding their social origins, experience, outlook, and motivational makeup may be critical for understanding movement trajectories¹ (FLACK, 2004: Pos. 2832[ebook]).

Assim, nosso objetivo é compreender tais biografias, mas partindo do pressuposto que são construídas interacionalmente e pela participação em espaços sociais específicos. Desta forma, parte da tarefa é a compreensão das dinâmicas dos grupos de experiência entendendo o que é possível auxiliar nas possíveis trajetórias do movimento, o que será melhor compreendido pela produção de estoques de conhecimento produzidos na experiência do grupo:

The individual does not live alone and for himself: that which emerges out of the contexture of his experience as a distinguishable formation is not a function of his own experiential stream alone. The individual possesses a great part of his **stock of experience** [destaque nosso] in common with other individuals. These experiences, which are simultaneously present in all the individuals who belong to the same entities constituted by processes of socialization and community-formation, must be mutually interconnected in structure in a way similar to that which obtains among the experiential parts of an individual stream of experience. [...] My membership in a group does not consist in my agreeing, fortuitously and occasionally, on the basis of my own pattern of motives, with the experiential contents of other individuals belonging to the same group, but rather in being able to complete considerable stretch of patterned experience in common with the other members of the group. We are brought into community only to the extent that and in so far as we communally put such common stretches of experience behind us² (MANNHEIM, 1982, pg. 71).

¹ Na minha opinião, a compreensão dos ativistas como um tipo social continua sendo uma questão crítica para entender como os movimentos sociais funcionam. Na medida em que organizadores, líderes e empreendedores do movimento fazem a diferença, entender suas origens sociais, experiência, perspectivas e composição motivacional pode ser fundamental para entender as trajetórias de movimento.

² O indivíduo não vive sozinho e por si mesmo: o que emerge do contexto de sua experiência como uma formação distinguível não é uma função de sua própria corrente experiencial. O indivíduo possui grande parte de seu **estoque de experiências** [destaque nosso] em comum com outros indivíduos. Essas experiências, presentes simultaneamente em todos os indivíduos pertencentes às mesmas entidades constituídas por processos de socialização e formação da comunidade, devem ser interconectadas mutuamente na estrutura, de maneira semelhante à que se obtém entre as partes experienciais de um fluxo individual de experiências. [...] Minha participação em um grupo não consiste em concordar, por sorte e ocasionalmente, com base em meu próprio padrão de motivos, com o conteúdo experiencial de outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo, mas antes em poder concluir consideráveis experiência padronizada em comum com os outros membros do grupo. Somos levados à comunidade apenas na medida em que, e na medida em que colocamos em comum essas extensões comuns de experiência.

Desta forma, buscamos compreender quais variáveis são significativas para constituição de organização de movimento social, especificamente um coletivo de jovens negros universitárias. Para tanto seguimos em duas direções de análise: a) estudo da história do grupo em que se desenvolve a militância, considerando os elementos ambientais, tais como a conjuntura política, existência de estruturas de apoio e redes e; b) estudo da biografia dos sujeitos engajados, na busca de eventos marcantes, socializações específicas, constituição de laços de solidariedade, entre outros elementos, o que vem a constituir o conhecimento conjuntivo do grupo, que vem a ser:

[...]a certain kind of knowledge, a knowing common to both of us, that we can grasp in a way subject to controls, even though there are as yet no objetifications in evidence. It is knowledge, but no knowledge for everyone, only for the two of us³ (MANNHEIM, 1982, pg. 191).

Para tal análise buscamos apreender o espaço social, bem como a posição social dos sujeitos investigados, além do estudo biográfico em conjunto com os processos de socialização mais pertinentes para formar um perfil que auxilie na compreensão da ação social, resultando numa análise tipológica praxiológica (BOHNSACK, 2011), maneiras de interpretação social com base em uma visão de mundo que é oriunda da constituição das dinâmicas do grupo de referência.

A primeira técnica utilizada foi a pesquisa-ação ou pesquisa participante (HAGUETTE, 1992; DEMO, 1995). Tal técnica busca suprimir a premissa positivista da distinção entre sujeito e objeto. Os pesquisadores são muitas vezes parte do “cenário” de pesquisa.

A segunda técnica aplicada é a realização de Grupo de discussão (GD), realizado junto a integrantes fundadores do coletivo Macanudos. Nesta etapa questiona-se sobre a origem do grupo e formas de atuação. O roteiro de entrevista junto ao grupo é, propositalmente, aberto, com perguntas iniciais abrangentes e, à medida que os pesquisados respondem, os pesquisadores, com base em “caminhos” que são revelados pelos próprios entrevistados, seguiram os questionamentos. Também foi fundamental a orientação das perguntas num sentido de busca procedimental e não teórica. Perguntamos “Como surgiu o coletivo Macanudos?” ao invés de “Por que surgiu o Macanudos?”. Assim, na primeira forma de questionamento buscamos saber a ordem de eventos, local, rede, conjuntura e outros elementos, enquanto a segunda forma

³ ... um certo tipo de conhecimento, um conhecimento comum a nós dois, que podemos apreender de uma maneira sujeita a controles, mesmo que ainda não haja objetificações em evidência. É conhecimento, mas não conhecimento para todos, apenas para nós dois.

de questionamento levou a uma construção mais abstrata das razões. Compreendemos que neste momento é possível iniciar a compreensão do conhecimento conjuntivo:

As opiniões de grupo não são formuladas, mas apenas atualizadas no momento da entrevista. [...] as opiniões trazidas pelo grupo não podem ser vistas como uma tentativa de ordenação ou como resultado de uma influência mútua no momento da entrevista. Essas posições refletem, acima de tudo, as orientações coletivas ou as visões de mundo do grupo social ao qual o entrevistado pertence. Essas visões de mundo resultam [...] de uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura que, por sua vez, constitui-se com uma base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos. (WELLER, 2013, p. 57).

A terceira técnica foi a aplicação de questionário semiestruturado para o conjunto das integrantes. Essa ferramenta busca testar hipóteses as quais variáveis são significativas para compreensão no ativismo, de acordo com as teorias sobre movimentos sociais, como a teoria dos processos políticos (MCADAM; TILLY; TARROW, 2001), assim como outros autores que empregam parte deste referencial sem, no entanto, compreenderem-no como sistema acabado ou fechado, como Della Porta e Diani (2006) e Passy (2000; 2003). Também questionamos as razões declaradas como relevantes para o ingresso na militância.

Por fim, foram realizadas cinco entrevistas semi-estruturadas junto às integrantes do coletivo (quatro mulheres e um homem). Dois destes integrantes (homem e mulher, 26 anos) são “fundadores” do Macanudos, já graduados, mas ainda envolvidos em atividades acadêmicas (mestrado, segunda graduação). As demais integrantes têm 19 anos e 25 anos. Uma graduada e as demais graduandas. Destas entrevistas foi possível observar diferenças significativas sobre as formas de ingresso na organização, devendo considerar em ambos os casos que a universidade oferece a estrutura de articulação e consolidação de laços sociais entre os militantes.

As variáveis testadas neste instrumento são os laços sociais, redes, histórico familiar (se conta com militantes), multifiliação organizacional, papel da liderança, escolaridade, incentivos e constrangimentos à participação e existência de estruturas de apoio.

O conjunto de técnicas aplicadas oferece uma série de dados que tornam-se úteis para compreensão do engajamento. No entanto é fundamental a leitura do contexto em que tais dinâmicas ocorrem. Isto se dá pela análise documental de elementos que aparecem na fala dos pesquisados e da apresentação no texto do ambiente em que os sujeitos se localizam. Levamos em conta os elementos sociais e políticos,

dado que nossa abordagem compreende os processos de interação social entre grupos variados, sejam em relações cooperativas ou antagônicas, são fundamentais para construir tanto o grupo quanto os comportamentos que pretendemos investigar.

Tratamos tais mudanças organizacionais por meio da observação do ambiente social e composição do grupo de referência. Tal análise requer a descrição do ambiente universitário na qual o grupo se localiza, apresentando análise da conjuntura política e alterações da composição dos estudantes, seja em termos regionais, étnicos, de classe, entre outras variáveis que se apresentam como significativas, e investigadas no questionário. Após, apresenta-se a composição do grupo no seu surgimento e na atualidade, compreendendo um período de quatro anos, mas que em razão das mudanças significativas de objetivos e composição, faz do presente caso um importante exemplo para compreensão do fenômeno do ativismo em movimento negro.

4. FORMAÇÃO, COMPOSIÇÃO E PAUTAS DO MACANUDOS

O coletivo Macanudos foi pensado e criado inicialmente por estudantes negros e negras da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), a partir de sua participação em um projeto de extensão COMUF (comunidades FURG) que trabalhava com comunidades quilombolas, indígenas, LGBT, negros e negras. A partir destas atividades, do início da década de 2010, passam a se estruturar enquanto grupo, formar laços e ingressar na rede de ativistas do movimento negro. De acordo com os entrevistados, atividades relacionadas a eventos e atividades anuais, de cunho cultural, como Acampamento Afro, realizado anualmente na cidade de São Lourenço do Sul/RS, foram momentos importantes para conhecer outros grupos e assim iniciar o contato. Não restrito ao ambiente universitário é, no entanto, nesse espaço que passam a envolver-se com a temática e que viabiliza entrar em contato com outros grupos e projetos. Segundo relato da entrevistada:

Participava desde 2011 de um programa de extensão Comunidades FURG e nele conheci parte dos/as futuros/as integrantes do Maca. Atuamos com comunidades negras, quilombolas, indígenas, etc. “Minorias”. Este trabalho era bastante político e foi me politizando sobre minha atuação enquanto pessoa negra e historiadora. Com a aproximação junto a essas colegas percebemos que as pessoas negras na FURG eram poucas e estavam dispersas. Resolvemos então criar esse espaço de ação política e acolhimento. Foi bastante relevante o contato com outros coletivos estudantis no RS. (ENTREVISTADA A. FURG – junho de 2016).

A composição do coletivo inicialmente era de pessoas negras e brancas, tendo como pauta principal a educação antirracista. O grupo fala de uma “flutuação” do

número de negros e negras no Macanudos, e dessa relação com as pessoas brancas que também estiveram no início do coletivo. A mudança da composição no coletivo, segundo a percepção dos mesmos, está associada a um processo de entrada de maior número de negros na universidade:

Eu acho uma coisa também que influencia bastante é o número de pessoas negras, dentro da universidade desde a formação até hoje, por mais que hoje é insuficiente, a gente sabe o quanto tem muita a avançar na questão das vagas, ainda assim tem muitas pessoas negras, que praticamente não existia, era algo tipo... literalmente tipo assim: “ah olha ali uma pessoa negra... vamo trocar uma ideia, sei lá não ti conheço mas...” hoje não “gente não conheço essa pessoa negra, não conheço essa aqui...”. (GRUPO DE DISCUSSÃO. FURG -Junho de 2016).

Em princípio o grupo trabalhava na busca da desconstrução da perspectiva racial, no sentido biológico, a crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (MUNANGA, 2003). Nos primeiros anos, o coletivo também realizava atividades voltadas a educação antirracista, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, visto do ponto de vista de Munanga, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais.

Assim, no segundo momento o grupo se reestrutura num sentido de busca de afirmação do elemento racial (no sentido sociológico). Tal mudança ocorre em razão das alterações do ambiente universitário, de acordo com a percepção do grupo e, conseqüentemente, pela alteração de sua composição, que antes contava com brancos e negros, passa a ser exclusivamente negro e em sua quase totalidade feminino.

Muda também a atuação do grupo. Cabe considerar que para as entrevistadas a conquista do espaço universitário trouxe novas pautas para o coletivo e discussões que passaram a dar primazia à militância que enfatizasse questões de identidade, e especial no que tange ao “protagonismo”.

Eu acho que foi rolando um processo de identificação racial, não menos antirracista, mas mais racial no sentido que as pessoas negras, mais pessoas negras foram comendo e as pessoas brancas foram sentido ... não no sentido que estavam sendo expulsas ou algo no sentido, mas foram sentido que aquele espaço era um espaço de protagonismo mesmo, eu me lembro de conversar com a [fulana] e ela falou, não só por isso ela falou

várias questões “ ah eu não tenho tempo, tenho que trabalhar” várias tretas da vida, mas ela falou que realmente achava que era um espaço que... ah galera fazia mais sentido a galera preta compor e tal que ela achava que de alguma forma, não que não fosse o lugar dela, ainda mais conhecendo a [fulana] se ela tá afim ela vai mesmo, a não ser claro que não seja um espaço exclusivo, mas acho que foi mais um processo de identificação mesmo a galera cada vez mais... é que parece que uma coisa antagoniza com a outra, quanto mais negro ficou menos antirracista, não é isso, é que antes era antirracista no sentido amplo, então qualquer pessoa pode compor e tal e a identidade negra foi ficando cada vez mais forte, acho que muito pelo processo de mais pessoas negras entrando e se identificando com a luta. (GRUPO DE DISCUSSÃO. FURG – junho de 2016).

Ao considerar a necessidade de protagonismo negro no coletivo, cabe mencionar que essa foi uma pauta construída a partir de um momento anterior, onde a educação antirracista era algo a ser pensado tanto por negros quanto por brancos. O que pode ser observado quando os entrevistados falam sobre a participação de pessoas brancas no coletivo Macanudos.

Tinha muito esse viés também de “bom seríamos bem menos pessoas se fossemos só pessoas negras” e aí acho que essas três pessoas compunham muito por isso pra poder somar né e tornar o grupo maior pra fazer algumas ações eu sinto muito isso também... e acho que faz sentido esta tua interpretação, com relação ao protagonismo até porque a partir de um certo momento há mais pessoas na universidade pra poder compor o “ Maca” e de fato, passaram a compor [...] (GRUPO DE DISCUSSÃO. FURG – junho de 2016).

Este perfil antirracista orientava enquanto prática militante a realização de palestras em escolas do ensino médio. Das três entrevistadas que ingressaram no Macanudos, duas haviam participado do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). Estas estudantes tomaram conhecimento do Macanudos quando conheceram as principais atividades dos militantes a realização de palestras nas escolas de ensino médio sobre a temática antirracista. A terceira conheceu o coletivo quando já era estudante da FURG.

Ainda em consideração ao protagonismo negro nesse coletivo, se por um lado no pequeno grupo inicialmente formado havia pessoas negras e brancas, foi possível perceber na fala dos entrevistados um cuidado sobre a fala e a aproximação de pessoas brancas nos espaços, buscando “desconstruir seus racismos”, o que compreendem como “acirramento racial”, representado na questão do protagonismo da fala, ocorre com o avanço do movimento, em que negros falam por negros, ou seja, não há a necessidade de uma representatividade branca.

Depois chega um tempo que estas pessoas não estão mais no maca, é uma série de outras coisas, não sei, eu leio muito como um acirramento racial mesmo, que fez com que estas pessoas, por essas razão de protagonismo saíssem. Daí que é uma outra coisa, porque o maca não é exclusivista realmente talvez se uma pessoas branca hoje quisesse entrar e tivesse uma postura próxima, aquela que a gente tinha lá no início de formação junto e tal, afinal a luta antirracista não é só de pessoas negras né?! Ah talvez fosse possível, mas pessoas com este tipo de postura, de querer protagonizar o que não é seu lugar eu acho que no Macanudos não [...]. (GRUPO DE DISCUSSÃO - 2016).

Destacamos que a percepção do coletivo na atuação em escolas e em espaços para além da universidade é orientada pela pauta nacional sobre a questão de uma educação antirracista no Brasil.

Quando a gente retornou pra cá e percebeu que a gente estava aqui na FURG, e não sabíamos o que tava acontecendo com outras pessoas negras, a gente só sabia o que tava acontecendo conosco, e pensando a possibilidade de criar um coletivo esse espaço de acolhimento e de discussão e de pautar politicamente as cotas, a permanência estudantil, enfim de pessoas negras na universidade e do acampamento que foi em setembro até março, que foi 28 de março [de 2012] que o Macanudos foi oficialmente criado, ali nos bancos do prédio 4. (GRUPO DE DISCUSSÃO - 2016).

Na discussão sobre a formação do grupo pontua-se a necessidade de discutir pautas específicas, como as ações afirmativas, e preocupação dessas questões em âmbito local, com membros da comunidade negra do município de Rio Grande, pauta para além de uma questão universitária.

Os debates acerca dessas questões começam na universidade em ciclos de cinema e discussão promovidos pelo coletivo e tendo visibilidade entre estudantes, assumem uma esfera representativa em órgãos do conselho universitário superior, com a “defesa” de vagas para acesso de indígenas quilombolas nos cursos de graduação da universidade. Esta questão extrapola o movimento de negros e negras e propõe o acesso e a permanência de outros grupos sociais no espaço escolar.

Observamos ainda um acirramento de conflitos discursivos no ambiente universitário acerca da questão racial que se expressam no ambiente físico e virtual. Uma das atividades do Macanudos é a colagem de cartazes com a temática de suas causas, com identificação do grupo e frases como “Quantos heróis negros você conhece?”, ou ainda “Quantxs autorxs negrxs você leu em aula?”. Na realização dessas atividades o Macanudos é confrontado por uma organização universitária que se define como liberal e é atualmente ativa na universidade. Costuma realizar palestras sobre

conservadorismo, empreendedorismo e defesa de uma perspectiva individualista e conta, também, com integrantes que participaram de duas gestões do diretório central dos estudantes (DCE). Este grupo contrapôs-se aos cartazes do Macanudos e passou a publicizar sua perspectiva em diversos espaços da universidade, seja físicos ou virtuais. Em uma publicação na sua página no *facebook* traz uma foto de um estudante rasgando um destes cartazes, justificando tal ato por compreender que estes impulsionavam uma ideologia esquerdista de “dividir para conquistar”. Remetem-se ao elemento biológico e buscam no seguinte exemplo dar razão a seu argumento: Ainda, é preciso lembrar que sequer existe uma linha limítrofe concisa entre brancos e negros na miscigenada população brasileira. Curioso ressaltar que um negro muito conhecido, “Neguinho da Beija-flor”, tem 67,1% de seus genes de descendência europeia. Seria ele também um devedor?”⁴. Como este grupo participa também de espaço de representação estudantil, recusam-se a participar de debates sobre reservas de vagas por considerar que é algo “subjetivo”. Em tal episódio houve um maior acirramento entre os grupos.

5. A Interseccionalidade Enquanto Prática

Apesar dessa discussão sobre o acirramento racial e o quanto algumas questões são hoje pontuais e discutidas pelos integrantes do grupo, os mesmos narraram a necessidade de pensar a interseccionalidade do grupo, sendo esse conceito fundado na ideia de trazer os elementos de gênero, classe, segurança, feminismo e mulheres negras para pensar os múltiplos movimentos do coletivo, que perpassam os centros acadêmicos e diretórios.

Para Akotirene (2018) a interseccionalidade nos auxilia a compreender a inseparabilidade estrutural do racismo, cisheteropatriarcado, capitalismo e as articulações decorrentes desses sistemas, que imbricados repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. A autora destaca que para falar sobre interseccionalidades é necessário trabalhar o paradigma afrocêntrico, a origem das opressões, o fundamento e propostas epistemológicas de mulheres negras.

Eu tenho a sensação que o Macanudos tá bem... não sei se é essa a palavra mais correta, mas na minha cabeça ela faz sentido, tá bem interseccionado assim tipo eu vejo que muitas pessoas que fazem parte do Macanudos estão com pés em múltiplos movimentos assim, pessoal que compões os

⁴ Argumento utilizado por integrantes do DCE à época para contestar as pautas do movimento negro, buscando desacreditar a existência do racismo com base na “miscigenação da população brasileira”.

CA's e DA's compõe o MCE, que é o movimento das casas de estudantes, pessoal faz parte de outros coletivos ahh organizações políticas mesmo, então tá bem diversificado assim, tem uma relação, não sei se orgânica, faz com que nossas pautas entrem em outros espaços de alguma forma a gente faz as pautas deles, pautas com recorte racial nossas também, não sei se essa articulação política existe de forma ostensiva assim, é mas os indivíduos que compõe o Macanudos, são indivíduos que compõe outros espaços assim...(GRUPO DE DISCUSSÃO. FURG - junho de 2016).

Ainda sobre interseccionalidade, uma integrante destaca a realização de um seminário no ano de 2015:

Exemplo disso, no seminário a gente buscou trazer a interseccionalidade de fato, pra todas as coisas né, todas as discussões elas tinham ali o debate racial, mas não era apenas o recorte racial, era o recorte com relação a identidade de gênero, com relação a classe, com relação a segurança, com relação ao feminismo, com relação a mulher negra, enfim etc. Então, eu acho que a prioridade do Macanudos elas da conta disso assim, mas eu não vejo mais hoje esse processo da gente conseguir atuar com outros coletivos, nesse momento assim. (GRUPO DE DISCUSSÃO. FURG – junho de 2016).

Há um destaque para atuação em questões relacionadas à moradia e permanência dos estudantes na universidade.

A gente vê outro cenário realmente de mais pessoas, e eu acho interessante também, de mais pessoas também, pensando diferentemente sobre as coisas, sabe? Porque o maca porque ele foi o primeiro coletivo de estudantes negras e negros, hoje nem é de estudantes mais... é acaba que era muito a gente, a gente mesmo pra conversar e tal e hoje parece que há outras pessoas pensando a pauta racial por outros lugares, entendeu? Essa questão da ocupação, questão do MCE (movimento das casas dos estudantes), outras coisas que com... com relação ao maca não é tão próximo porque dentre nós, acho que nenhum de nós é morador da casa de estudante [...]. (GRUPO DE DISCUSSÃO. FURG – junho de 2016).

A partir deste segundo momento a atuação do grupo se dá numa da rede militante já estabelecida e atuante na universidade (Movimento da casa do Estudante - MCE, Movimento LGBT) e em outros espaços. Mesmo considerando a declaração de que a atuação atual se dá no espaço acadêmico e “fora da universidade”, o ativismo prioritário do grupo se dá junto ao público estudantil, sendo parte da atuação extramuros relacionada à participação em espaços institucionais ou vinculados a projetos de extensão em que as integrantes se vinculam.

Relevante também é o envolvimento múltiplo das entrevistadas e do entrevistado, ou seja, participação em outras organizações militantes (Coletivo Gritaram-me negra! e grupo de estudantes comunistas). Nem todas as entrevistadas destacaram organizações e coletivos que participam, como os que estão vinculadas em redes sociais. No entanto, é possível verificar que passam, ao longo de sua trajetória, a vincular-se a mais de uma organização.

Ainda, é significativo para a manutenção do grupo os laços sociais e o quanto a questão de gênero entra nessa perspectiva, extrapolando assim as atividades militantes. Com exceção do entrevistado, todas as entrevistadas declararam que realizam atividades sociais não relacionadas à temática do grupo, tais como ir a festas, atividades de lazer e “[...] atividades normais em um círculo de amigas” (entrevistada E). Também é relevante para continuidade na militância a percepção de incentivo à militância pela participação das demais integrantes do grupo. As mulheres estabeleceram laços de solidariedade que extrapolam as atividades estritamente militantes. Relacionado a este tópico, o entrevistado diz sentir-se constrangido por algumas integrantes do Macanudos em razão de suas “posições políticas”, pois participa de uma organização de estudantes comunistas.

Outra questão levantada é a existência na família de alguém envolvido em alguma forma de ativismo. Com esta questão buscamos saber se a disposição a militar surgiu em razão dos laços familiares. Nenhuma das entrevistadas faz referência a membros de suas famílias envolvidas na militância. Apenas o entrevistado relatou que sua tia “é militante de cotas na universidade e já fez parte do sindicato dos professores [...]” e em razão de influência familiar que passou a se interessar pela militância sobre o debate antirracista, surgindo na socialização primária, portanto, a disposição ao ativismo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a organização dos movimentos e, nesse caso, do coletivo é influenciada pelo contexto em que está inserido. No caso específico, tratamos da resignificação dos objetivos da organização Macanudos e, conseqüentemente, modificação da composição do grupo, assim como seu repertório de ações. Inicialmente articulando suas atividades tanto com pessoas negras e brancas, tem como foco a realização de palestras discutindo contra o racismo em escolas de ensino médio, momento em que a pauta do grupo é baseada numa perspectiva de representação. É a partir do amadurecimento do engajamento de alguns ativistas e da participação con-

tinuada em uma rede militante do movimento negro que passam a mudar seu repertório de atuação e também a compreensão do seu ambiente, compreendendo novo momento do grupo, que a partir da mudança das características de suas integrantes e pela experiência na defesa das pautas, passa a ter maior relevância o entendimento de protagonismo, considerando em especial a questão de gênero.

Em síntese, constitui-se numa atuação voltada ao fortalecimento da identidade negra e ao protagonismo de atuação dentro do ambiente universitário. Ainda, como o surgimento de organização estudantil que é declaradamente antagônica a valores e bandeiras passa a disputar politicamente o espaço universitário discursivamente no sentido abordado como “acirramento racial”. Nesse sentido, a percepção de grupos antagônicos às bandeiras defendidas pelo Macanudos serve como forma de fortalecimento da identidade coletiva de suas integrantes.

Cabe ainda destacar que a maior presença de mulheres negras do que homens negros no caso estudado é relacionado a um quadro nacional do surgimento de organizações e mulheres negras ativistas. Tal cenário ocorre a partir da formação de núcleos e coletivos femininos contemporâneos com fins políticos foi algo expressivo desde o final dos anos de 1970 (RATTS; RIOS, 2010, p.95).

A identidade do coletivo parece ser construída pelos motivos de engajamento, que são comuns nas biografias investigadas e se articulam com um tempo histórico específico. No caso, pela história do movimento de reserva de vagas no âmbito nacional e na Universidade Federal de Rio Grande - FURG.

Ainda, para a continuidade no engajamento, percebeu-se como central a constituição de laços de solidariedade entre as integrantes, o que se dá pela realização de atividades de lazer em comum no caso das mulheres e no caso do homem o seu histórico familiar, o que reforça um *ethos* militante, o que pode ser percebido, ainda, pela participação em mais de uma organização ativista simultaneamente. O que nos permite compreender que as redes e os laços sociais aumentam o engajamento dos participantes em atividades para além do coletivo Macanudos, mas cuja interação entre as biografias se mantém e torna-se fundamental para a atuação e permanência do coletivo na Universidade.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018.
- BOHNSACK, Ralf. A multidimensionalidade do habitus e a construção de tipos praxiológica. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 22-31, jan./jun. 2011.
- BRASIL, 2016. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2013**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. 2016.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em ciências sociais**. 3ª edição. São Paulo: Atlas, 1995.
- DIANI, Mario e BISON, Ivano. Organizações Coalizões e Movimentos. IN: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 3. Brasília, pp. 219-250, janeiro-julho de 2010.
- FLACKS, Richard. Knowledge for what? Thoughts on the state of social movement studies. IN: GOODWIN, Jeff e JASPER, James M. **Rethinking Social Movements: structure, meaning and emotion**. Rowan & Littlefield Publishers: UK, 2004.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petropolis, RJ: Vozes, 2017.
- HAGETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.
- MANNHEIM, Karl. **Structures of Thinking**. Boston, USA. Ed. Routledge & Kegan Paul. 1982.
- MANNHEIM, Karl. **Sociologia da Cultura**. 3ª reimpressão. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- MCADAM, Doug, TARROW, Sidney e TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. In: **Lua Nova**. São Paulo, 76: 11-48, 2009.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia, **III Seminário Nacional sobre Relações Raciais e Educação**-Penesb, Rio de Janeiro, 2003.
- OLIVEIRA, Guilherme dos Santos. Políticas Racializadas e o Surgimento de Coletivos de Estudantes Negros no Ensino Superior. **31ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Brasília/DF, 2018.
- PASSY, Florence. **Socialization, Recruitment, and the Structure/Agency Gap**. A specification of the impact of Networks on Participation in Social Movements. Abril, 2000.
- PASSY, Florence. Social Networks Matter. But How? In; DIANI, Mario e MCADAM, Doug. **Social Movements Analysis: The Network Perspective**. Oxford University Press, 2003.
- RATTS, Alex e RIOS, Fernanda. Lelia Gonzalez. **Coleção Retratos do Brasil**. SP: Selo Negro, 2010.

SILVA, Maria Lúcia Carvalho da et al. Movimentos Sociais e redes: reflexões a partir do pensamento de Ilse Scherer-Warren. IN: **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 109, p. 112-125, jan./mar. 2012.



Intersectionality as a practice: construction processes and performance of the black collective Macanudos

A B S T R A C T :

The article analyzes the formation and creation of the Macanudos collective and its performance from the intersection of the elements of race, class and gender, with the main objective of studying the role of the group in the construction of collective identities. The techniques used were participant research and discussion group. The analysis allowed observing the forms of entry and performance in the organization. There was also an activist constitution strengthened by ties of solidarity in the group, a militant social network, and in personal histories. The intersectionality is presented as theory and practice for this group composed mainly of black women.

KEYWORDS:

Black movement;
anti-racist
movement;
Intersectionalities